



COMUNICAÇÃO, SEXUALIDADE E CULPA: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO DISCURSO SOBRE O HPV NA CONTEMPORANEIDADE

Andréia Delivio Raupp¹, Robson dos Santos Mello²

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia, Campus Curitiba-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI- UniCesumar. andrea.delivio@gmail.com

² Professor do Curso de Psicologia, Campus Curitiba-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Orientador PIBIC/ICETI-UniCesumar. robson.mello@unicesumar.edu.br

RESUMO

O presente projeto tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da psicanálise, os efeitos psíquicos produzidos pelos discursos sociais e midiáticos acerca do Papilomavírus Humano (HPV) na subjetividade feminina. Embora se trate de uma infecção sexualmente transmissível de elevada prevalência, o HPV permanece cercado por representações sociais que reforçam estigmas, sentimentos de culpa e silenciamento, especialmente em relação à sexualidade das mulheres. A pesquisa será de natureza qualitativa e exploratória, fundamentada em levantamento bibliográfico interdisciplinar e análise documental de materiais comunicacionais, como campanhas públicas, conteúdos de mídias digitais, reportagens jornalísticas e laudos técnicos de órgãos de saúde. O corpus será examinado à luz da análise do discurso, articulando conceitos da psicanálise freudiana e lacaniana com aportes teóricos dos estudos da comunicação e da saúde coletiva. A interpretação considerará categorias como culpa, gozo, identidade e discurso do Outro, visando compreender os mecanismos simbólicos implicados na experiência do adoecimento. Espera-se que os resultados ofereçam subsídios para a compreensão crítica da relação entre discurso, saúde e subjetividade, além de fomentar reflexões sobre práticas comunicacionais mais éticas e humanizadas no campo da saúde pública. O estudo pretende, ainda, contribuir para o fortalecimento do diálogo entre psicanálise e saúde coletiva, destacando a importância de considerar os aspectos simbólicos e afetivos no cuidado em saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso midiático; HPV; Psicanálise; Saúde pública; Sexualidade feminina.

1. INTRODUÇÃO

O Papilomavírus Humano (HPV) constitui atualmente uma das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) de maior prevalência no Brasil e no mundo, configurando-se como um tema de relevância para a saúde pública (BRASIL, 2022; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020). Apesar dos avanços biomédicos no diagnóstico, prevenção e tratamento, o HPV continua a ser atravessado por discursos sociais e midiáticos que frequentemente associam a infecção a práticas sexuais moralmente condenadas, reforçando estigmas em torno da sexualidade, sobretudo feminina. Tais representações influenciam não apenas a percepção coletiva da doença, mas também a forma como os sujeitos vivenciam o diagnóstico, com repercussões subjetivas ligadas à culpa, à vergonha e ao silenciamento.

A partir da perspectiva psicanalítica, tais discursos podem ser compreendidos como atravessados por mecanismos simbólicos que operam na constituição do sujeito e de sua relação com o corpo e a sexualidade. Conceitos como recalque, culpa, gozo e discurso do Outro (FREUD, 2010; LACAN, 1992) permitem analisar de que modo a linguagem e as práticas comunicacionais moldam experiências psíquicas associadas ao adoecimento. Ao mesmo tempo, os estudos da comunicação e da saúde coletiva, com destaque para as reflexões de Foucault (1988) sobre biopoder e sobre a naturalização de sentidos, fornecem ferramentas para compreender a construção discursiva que sustenta tais processos de subjetivação.

Diante desse cenário, este projeto de pesquisa propõe-se a investigar: de que forma os discursos sociais e midiáticos sobre o HPV influenciam a constituição subjetiva de



mulheres diagnosticadas, à luz da psicanálise? Parte-se da hipótese de que esses discursos, ao reforçarem normas morais e representações negativas da sexualidade feminina, contribuem para a produção de sofrimento psíquico. Por outro lado, acredita-se que a ressignificação dessas narrativas, por meio de abordagens comunicacionais mais éticas e humanizadas, pode favorecer uma experiência subjetiva menos marcada por estigmas e sentimentos de exclusão.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de natureza qualitativa e exploratória, orientada para a compreensão dos efeitos psíquicos produzidos pelos discursos sociais e midiáticos sobre o Papilomavírus Humano (HPV) na subjetividade de mulheres diagnosticadas, à luz da psicanálise. Por se tratar de um estudo exclusivamente documental e teórico, não haverá coleta de dados diretamente com participantes, sendo analisados apenas materiais disponíveis em fontes públicas, acadêmicas e midiáticas.

O levantamento bibliográfico envolverá a busca sistemática em periódicos científicos, dissertações, teses e relatórios oficiais, com foco em publicações que abordem a temática do HPV, seus impactos psíquicos e sociais e a representação da sexualidade feminina nos discursos midiáticos e institucionais (BRASIL, 2022; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020; DE ALCÂNTARA, 2019; RODRIGUES JR et al., 2019; SANTANA et al., 2017). Serão incluídos também materiais comunicacionais como campanhas públicas veiculadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), organizações não governamentais e mídias digitais, bem como reportagens jornalísticas que abordem o HPV. Após a coleta do material, os dados serão organizados, classificados e categorizados de acordo com o tipo de discurso, a veiculação e a temática central. Essa etapa permitirá identificar padrões de sentidos atribuídos ao HPV, destacando a presença de estigmas, culpabilização e representações moralizantes da sexualidade feminina.

A análise será conduzida sob a perspectiva da psicanálise freudiana e lacaniana (FREUD, 1905; LACAN, 1971). Além disso, será incorporada a análise crítica dos estudos de Foucault (1988) e sobre construção discursiva e efeitos simbólicos da linguagem. Essa abordagem permite interpretar os discursos de forma articulada, considerando tanto suas dimensões simbólicas quanto seus impactos subjetivos, contribuindo para uma compreensão aprofundada da relação entre discurso, saúde e experiência feminina do adoecimento. Por fim, todo o processo de análise respeitará critérios de rigor científico, confiabilidade das fontes e consistência teórica, garantindo que os resultados obtidos possam subsidiar reflexões sobre práticas comunicacionais mais humanizadas e éticas no campo da saúde pública.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 PRODUÇÃO DE SENTIDO E ETIGMATIZAÇÃO NOS DISCURSOS SOBRE HPV

A análise dos discursos sobre o HPV revela que as campanhas institucionais e a mídia contribuem para a construção de significados morais e sociais em torno da infecção. De acordo com Foucault (1988), a sexualidade não é apenas uma dimensão individual, mas um campo atravessado por relações de poder, no qual os discursos funcionam para estabelecer normas, regulando comportamentos e hierarquizando corpos. Nesse sentido, os materiais de comunicação sobre HPV não se limitam a transmitir informações técnicas, mas operam como mecanismos simbólicos que classificam sexualidades como “adequadas” ou “desviantes”, produzindo estigmatização, sobretudo sobre corpos



femininos, além de todo sofrimento já gerado pela doença.

Em campanhas de prevenção, a associação implícita entre infecção por HPV e promiscuidade sexual ilustra como a mensagem informativa é carregada de valores sociais, moralizando a sexualidade feminina. Assim, o discurso midiático atua não apenas como um veículo de informação, mas como produtor de sentidos, criando uma rede simbólica na qual a mulher é responsabilizada pelo risco biológico e moral da infecção. A estigmatização se manifesta de diversas formas, incluindo a representação de mulheres diagnosticadas como “culpadas” ou “imprudentes”, a ênfase em comportamentos de risco individuais e a negligência das condições sociais, culturais e educativas que influenciam a saúde sexual. De acordo com De Alcântara (2019), a cobertura mediática da vacinação contra HPV no Brasil reproduziu padrões de culpa e moralização, configurando o corpo feminino como objeto de vigilância pública e social.

Além disso, os discursos institucionais podem reforçar o silenciamento e a autocensura, uma vez que o medo do julgamento e da exclusão social influencia a forma como mulheres diagnosticadas comunicam sua condição, buscam informações e interagem com serviços de saúde (SANTANA et al., 2017; RODRIGUES JR et al., 2019). A repercussão simbólica desses discursos é, portanto, multidimensional: ao mesmo tempo em que informa, regulamenta e moraliza, produz efeitos psíquicos relacionados à vergonha, culpa e ansiedade.

Dessa perspectiva, a produção de sentido nos discursos sobre HPV deve ser compreendida não apenas como resultado da intenção comunicacional, mas como processo que integra lógica social, moral e simbólica, atravessando subjetividades e influenciando práticas individuais e coletivas de cuidado. A análise crítica desse fenômeno evidencia a necessidade de campanhas de saúde que considerem os impactos simbólicos e afetivos, promovendo mensagens que informem sem estigmatizar e que reconheçam a complexidade da experiência feminina frente à infecção (BRASIL, 2022; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020).

3.2 EFEITOS PSÍQUICOS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA

A experiência de ser diagnosticada com HPV produz efeitos que vão além do corpo físico, atravessando a subjetividade feminina e influenciando diretamente a constituição do sujeito, conforme entendido pela psicanálise. Freud (1905/2010) destaca que a internalização de normas sociais e morais atua sobre o supereu, promovendo sentimentos de culpa mesmo diante de situações que não configuram transgressão objetiva. No contexto do HPV, mulheres podem experimentar vergonha, ansiedade e medo, efeitos que refletem a interiorização de discursos moralizantes sobre sexualidade e comportamento feminino.

Lacan (1975-1976) amplia essa perspectiva ao enfatizar o papel do Outro e do significante na formação do sujeito. A mulher diagnosticada com HPV não apenas recebe uma informação biológica sobre sua saúde; ela se vê atravessada por normas e expectativas sociais que definem padrões de comportamento sexual “aceitáveis”. Essa mediação simbólica influencia a percepção de si mesma e do próprio corpo, podendo gerar sentimentos de inadequação e autocensura, característicos de uma subjetividade moldada por discursos externos internalizados.

O impacto psíquico se manifesta de forma multifacetada:

- Culpa e recalque: Desejos e comportamentos julgados socialmente inadequados são reprimidos pelo inconsciente, mas continuam a influenciar pensamentos e emoções. No caso do HPV, o discurso midiático que associa a infecção a comportamentos “impróprios” pode reforçar processos de recalque, exacerbando sofrimento psíquico e



sensação de transgressão moral (FREUD, 1905/2010).

- Ansiedade e medo do julgamento: A percepção de estar sendo avaliada pelo Outro, conforme Lacan (1975-1976), gera medo da exclusão social e da desaprovação. Esse fenômeno pode levar à autocensura, ao isolamento e à dificuldade de buscar informações confiáveis ou acompanhamento clínico adequado, impactando diretamente práticas de autocuidado e saúde sexual.
- Construção da identidade sexual: A subjetividade feminina diante do HPV é atravessada por tensões entre desejo, normas sociais e discursos institucionais. A experiência da doença pode interferir na constituição da identidade sexual, fazendo com que a mulher se perceba como “ameaçada” ou “vulnerável” frente a padrões de moralidade sexual impostos externamente (LACAN, 1975-1976; FREUD, 1905/2010).
- Efeitos psíquicos duradouros: A internalização de estigmas e sentimentos de culpa associados ao diagnóstico pode gerar repercussões de longo prazo sobre autoestima, relações afetivas e percepção do corpo. A psicanálise permite compreender que esses efeitos não são superficiais, mas estruturais, influenciando a forma como a mulher organiza sua vida emocional, social e sexual (FREUD, 1905/2010).
- Nesse contexto, a análise psicanalítica evidencia que os efeitos dos discursos sobre HPV não se limitam à transmissão de informações médicas; eles configuram experiências subjetivas complexas, nas quais culpa, vergonha e medo são incorporados e reinterpretados pelo sujeito, moldando comportamentos, emoções e relações interpessoais. A partir dessa perspectiva, torna-se evidente a necessidade de abordagens interdisciplinares que integrem comunicação, saúde coletiva e psicanálise, visando reduzir estigmas e promover uma experiência de cuidado que respeite a dimensão simbólica da saúde feminina (BRASIL, 2022; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020; DE ALCÂNTARA, 2019).

3.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E REPERCUSSÕES SOBRE PRÁTICAS DE CUIDADO

Os discursos sobre o HPV transcendem o caráter informativo e produzem representações sociais que influenciam diretamente as práticas de cuidado e autocuidado das mulheres. Segundo Foucault (1988), a produção de normas e discursos sobre sexualidade constitui uma forma de biopoder, na qual o Estado, as instituições de saúde e a mídia regulam corpos e comportamentos, determinando padrões de risco e conduta moral. No contexto do HPV, essas representações sociais podem transformar o diagnóstico em um fenômeno carregado de juízos morais, o que repercute no comportamento das mulheres em relação à própria saúde.

De acordo com De Alcântara (2019), a cobertura mediática da vacinação contra o HPV no Brasil frequentemente associa a infecção a comportamentos sexualmente “desviantes”, reforçando estigmas e promovendo a responsabilização individual. Essa configuração simbólica influencia práticas de cuidado ao gerar medo do julgamento, levando muitas mulheres a ocultar sua condição, postergar consultas médicas ou evitar discussões abertas sobre sexualidade, mesmo em ambientes clínicos.

Além disso, os discursos institucionais, ao enfatizarem o risco biológico sem considerar as dimensões simbólicas do adoecimento, podem impactar a forma como as mulheres acessam informações confiáveis. Conforme Santana et al. (2017), a percepção



de vulnerabilidade e de julgamento social está associada à dificuldade em procurar atendimento preventivo ou terapêutico, demonstrando que o estigma não se limita à esfera psíquica, mas repercute de maneira prática sobre o cuidado.

A psicanálise contribui para a compreensão desses fenômenos ao indicar que a culpa e a vergonha internalizadas funcionam como mecanismos psíquicos que interferem na autonomia e no autocuidado. Lacan (1975-1976) argumenta que o sujeito está sempre atravessado pelo significante do Outro; no caso do HPV, as mulheres incorporam discursos externos que regulam sua sexualidade e comportamento, influenciando decisões sobre prevenção, tratamento e adesão a protocolos de saúde.

Outro aspecto relevante é a influência das normas sociais sobre gênero e sexualidade. A moral sexual historicamente direcionada ao corpo feminino produz um efeito de vigilância constante, que condiciona não apenas o comportamento sexual, mas também a disposição para buscar informação e acompanhamento médico. Rodrigues Jr. et al. (2019) observam que jovens mulheres frequentemente experienciam tensão entre cuidados de saúde recomendados e o medo de exposição social, evidenciando como representações sociais moldam práticas concretas de autocuidado. Dessa maneira, os discursos sobre HPV produzem efeitos multidimensionais, operando simultaneamente na esfera simbólica, emocional e prática. A compreensão desses impactos evidencia a necessidade de estratégias comunicacionais e políticas públicas que considerem não apenas a prevenção biológica, mas também o efeito dos discursos sobre subjetividade, autocuidado e acesso à saúde. Mensagens humanizadas, que minimizem a estigmatização e promovam a educação em saúde de forma acolhedora, podem reduzir a culpa internalizada e favorecer práticas de cuidado mais eficazes e conscientes (BRASIL, 2022; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020).

3.4 DIMENSÃO SIMBÓLICA E NECESSIDADE DE HUMANIZAÇÃO NOS DISCURSOS

A análise dos discursos sobre HPV evidencia que as mensagens veiculadas não operam apenas no plano informativo, mas atuam intensamente sobre a dimensão simbólica da experiência feminina, influenciando a construção da subjetividade, a percepção do corpo e a relação com o próprio desejo. Para Freud (1905/2010), os conteúdos simbólicos e afetivos internalizados moldam a experiência psíquica, sendo fundamentais na constituição do supereu e na produção de sentimentos como culpa e vergonha. Nesse contexto, os discursos midiáticos e institucionais sobre HPV funcionam como mediadores simbólicos, transmitindo valores, normas e expectativas sociais que atravessam a vida subjetiva das mulheres.

Lacan (1975-1976) amplia essa perspectiva ao destacar que o sujeito se constitui no campo do Outro, sendo atravessado por significantes que estruturam sua percepção de si mesmo. A mulher diagnosticada com HPV recebe mensagens que carregam juízos morais e culturais, influenciando não apenas a compreensão racional da infecção, mas também suas emoções, decisões de autocuidado e práticas de sociabilidade. Essa dimensão simbólica torna evidente que a informação técnica sobre saúde não é neutra; ela carrega efeitos subjetivos e sociais que podem reforçar estigmas e impactar negativamente a experiência de adoecimento.

Mensagens comunicacionais que reconheçam a complexidade da experiência feminina e considerem os aspectos simbólicos do adoecimento podem minimizar os efeitos de culpa, vergonha e estigmatização, promovendo práticas de cuidado mais acolhedoras. A psicanálise, ao evidenciar a relação entre significante, desejo e sofrimento psíquico, oferece subsídios teóricos para repensar a forma como informações sobre saúde são



transmitidas, defendendo estratégias que articulem rigor técnico e sensibilidade afetiva (DE ALCÂNTARA, 2019; BRASIL, 2022; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020). Além disso, a humanização do discurso se conecta diretamente à promoção de equidade em saúde. Quando mensagens comunicacionais consideram o contexto social, cultural e psicológico das mulheres, é possível reduzir barreiras de acesso à informação e aos serviços de saúde, favorecendo adesão a práticas preventivas e terapêuticas. Essa abordagem fortalece a relação entre pacientes e profissionais de saúde, ao mesmo tempo em que contribui para uma experiência subjetiva menos marcada por culpa e estigmas, alinhando comunicação, cuidado e promoção da saúde de forma integrada.

3.5 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

O estudo dos discursos sobre HPV oferece contribuições significativas tanto para a teoria quanto para a prática em saúde e comunicação, evidenciando a relevância da abordagem interdisciplinar. No plano teórico, a pesquisa reafirma a importância da psicanálise como ferramenta para compreender os efeitos simbólicos, emocionais e sociais dos discursos sobre sexualidade e doença. Freud (1905/2010) e Lacan (1975-1976) demonstram que sentimentos de culpa, vergonha e medo não podem ser compreendidos apenas como respostas cognitivas ou comportamentais, mas devem ser analisados como manifestações de processos inconscientes, atravessados por normas morais internalizadas e significantes sociais.

A integração desses conceitos com os estudos da comunicação, conforme Foucault (1988), compreende como os discursos midiáticos e institucionais produzem sentidos e moldam subjetividades, influenciando práticas de cuidado, comportamento preventivo e percepção da sexualidade. Essa articulação evidencia que os efeitos do HPV na vida das mulheres não se restringem à dimensão biológica, mas são atravessados por camadas simbólicas e sociais que exigem interpretação interdisciplinar. No plano prático, os resultados da pesquisa sugerem implicações diretas para políticas públicas, estratégias de comunicação e práticas clínicas. Primeiramente, os achados destacam a necessidade de campanhas de saúde que evitem moralizações sobre o comportamento sexual, reduzindo estigmas e promovendo uma abordagem mais acolhedora. Mensagens humanizadas e inclusivas podem minimizar a internalização de sentimentos de culpa e vergonha, favorecendo o engajamento das mulheres com práticas preventivas e de acompanhamento médico (DE ALCÂNTARA, 2019; BRASIL, 2022).

Além disso, a pesquisa contribui para a formação de profissionais de saúde e comunicadores, ao oferecer subsídios para compreender a dimensão afetiva da recepção de informações sobre doenças sexualmente transmissíveis. A perspectiva psicanalítica evidencia que a efetividade de ações de prevenção e tratamento depende não apenas da transmissão de conhecimento técnico, mas também da consideração das repercussões simbólicas e emocionais dos discursos. Outro aspecto relevante é a contribuição para a educação em saúde e conscientização social. Ao revelar como normas sociais e representações midiáticas influenciam práticas de cuidado, o estudo oferece elementos para o desenvolvimento de programas educativos que promovam autonomia, empoderamento e autocuidado entre mulheres diagnosticadas com HPV. Essa abordagem integrada fortalece o diálogo entre teoria e prática, permitindo que políticas de saúde considerem a complexidade da experiência subjetiva e os efeitos psíquicos dos discursos sobre sexualidade.



3.6 PSICANÁLISE

A análise psicanalítica do impacto do diagnóstico de HPV na subjetividade feminina encontra fundamento nas contribuições clássicas de Sigmund Freud (1905/2010) e Jacques Lacan (1975-1976). Enquanto Freud apresenta a sexualidade como dimensão estruturante da psique e motor central da constituição subjetiva, Lacan aprofunda a compreensão dessa dimensão ao incorporar o simbólico, a linguagem e os efeitos do discurso do Outro sobre o indivíduo. A articulação dessas perspectivas permite compreender os efeitos psíquicos do HPV não apenas como respostas emocionais superficiais, mas como manifestações de processos inconscientes atravessados por normas sociais, discursos institucionais e representações culturais.

Freud, em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, destaca que a sexualidade não se restringe à função reprodutiva, sendo essencial à formação do sujeito e ao funcionamento psíquico. A repressão emerge como mecanismo central para lidar com desejos socialmente inaceitáveis, promovendo recalque e tensão intrapsíquica. Nesse contexto, o diagnóstico de HPV mobiliza mecanismos de culpa e vergonha, frutos da internalização de normas sociais e morais relativas à sexualidade feminina. A moralidade, especialmente no que tange ao comportamento sexual, atua na constituição do supereu, responsável por regular pulsões e garantir a conformidade com padrões socialmente estabelecidos. Assim, sentimentos de inadequação e autocensura relatados por mulheres diagnosticadas com HPV podem ser compreendidos como efeitos do recalque freudiano, reforçados por discursos midiáticos que vinculam a infecção a práticas sexuais “desviantes” (FREUD, 1905/2010).

Lacan, por sua vez, oferece um refinamento teórico que desloca a compreensão da sexualidade para o domínio do simbólico, enfatizando que o sujeito se constitui no campo do Outro e é atravessado por significantes, normas e representações sociais (LACAN, 1975-1976). O conceito de gozo lacaniano permite interpretar o prazer e o sofrimento simultâneos experimentados por mulheres diagnosticadas com HPV, evidenciando a tensão entre satisfação corporal, expectativas sociais e imposições discursivas. A internalização do discurso do Outro produz efeitos que vão além da moralidade freudiana, atuando sobre a percepção do corpo, da sexualidade e da própria identidade, intensificando sentimentos de vulnerabilidade, autocensura e exclusão social.

O diálogo entre Freud e Lacan evidencia complementaridades e tensões conceituais relevantes para a compreensão psicanalítica do fenômeno. Freud fornece a base intrapsíquica para entender como a repressão e o recalque geram culpa e ansiedade diante da ameaça simbólica de um diagnóstico estigmatizado. Lacan amplia essa perspectiva ao demonstrar que tais efeitos não decorrem apenas do conflito interno, mas também da estrutura simbólica que atravessa o sujeito. A vergonha e a culpa, portanto, não são meramente respostas individuais, mas produtos de discursos sociais, culturais e institucionais que definem limites do comportamento sexual aceitável e moldam a experiência subjetiva (FREUD, 1905/2010; LACAN, 1975-1976).

A psicanálise permite também compreender a dimensão específica do sofrimento feminino frente ao HPV. Freud já identificava que a sexualidade feminina é atravessada por expectativas sociais e culturais complexas, e Lacan acrescenta que o sujeito feminino se vê constantemente dividido entre o real vivido e o significante que o simbólico impõe. Campanhas de saúde pública, conteúdos midiáticos e informações institucionais podem entrar em tensão com a experiência pessoal da mulher, gerando ansiedade, autocensura e sensação de vulnerabilidade. Esse diálogo teórico evidencia que a experiência do HPV não se limita a um evento biológico, mas constitui um campo de conflitos psíquicos e simbólicos, atravessando o corpo, a linguagem e as normas sociais (FREUD, 1905/2010; LACAN,



1975-1976). Além disso, a integração das perspectivas freudiana e lacaniana permite refletir sobre os efeitos da estigmatização social e da construção discursiva da doença. Enquanto Freud enfatiza o papel do recalque na formação da culpa e na gênese de angústia, Lacan evidencia que o discurso social e o simbólico não apenas reprimem, mas estruturam a subjetividade, regulando o prazer, o desejo e a percepção de si mesma. Nesse sentido, os discursos sobre HPV operam simultaneamente como mecanismos de controle moral e como elementos simbólicos que atravessam a constituição do eu, evidenciando a necessidade de práticas comunicacionais e de saúde que considerem a dimensão psíquica, simbólica e social do adoecimento feminino.

3.6.1 Mecanismos de defesa e recalque em resposta aos discursos midiáticos

A partir da perspectiva freudiana, os discursos midiáticos sobre HPV ativam processos de recalque e repressão, mecanismos fundamentais do aparato psíquico para lidar com desejos e impulsos considerados socialmente inaceitáveis (FREUD, 1905/2010). A associação da infecção a comportamentos sexualmente desviantes mobiliza o supereu, reforçando normas morais internalizadas e intensificando sentimentos de culpa e vergonha. O recalque não elimina a pulsão, mas a mantém fora da consciência, produzindo tensões psíquicas que podem se manifestar em ansiedade, autocensura e medo do julgamento social. Lacan complementa essa leitura ao demonstrar que tais mecanismos não operam isoladamente, mas são atravessados pelo campo do Outro, ou seja, pela internalização de discursos normativos que estruturam a experiência subjetiva (LACAN, 1975-1976). Dessa forma, a repressão freudiana e a mediação simbólica lacaniana articulam-se para explicar como a subjetividade feminina se vê compelida a regular seu desejo e comportamento diante da moralidade social reproduzida nos discursos sobre HPV.

3.6.2 Gozo e estigmatização na experiência feminina do HPV

O conceito lacaniano de gozo evidencia a dimensão paradoxal do prazer e do sofrimento associados aos discursos sobre HPV. A mulher diagnosticada é atravessada por significantes que vinculam seu corpo à moralidade sexual, gerando experiências simultâneas de satisfação (por cumprir normas sociais ou buscar cuidado) e sofrimento (pela estigmatização e culpa internalizada) (LACAN, 1975-1976). Freud, por sua vez, explica que a sexualidade reprimida e o recalque de desejos reforçam a sensação de inadequação, alimentando conflitos intrapsíquicos e amplificando a ansiedade. O entrelaçamento desses conceitos permite compreender que a estigmatização não é apenas uma construção social, mas um processo psíquico profundo, no qual a linguagem, os símbolos e os afetos se articulam para produzir sofrimento subjetivo e restrição do desejo feminino.

3.6.3 Impactos simbólicos sobre identidade, sexualidade e autocuidado

A interação entre a psicanálise freudiana e lacaniana demonstra que os efeitos psíquicos do diagnóstico de HPV ultrapassam o plano emocional, afetando identidade, sexualidade e práticas de autocuidado. Para Freud, a internalização de normas morais, a repressão de desejos e o desenvolvimento do supereu moldam a forma como o indivíduo percebe e administra sua sexualidade (FREUD, 1905/2010). Lacan amplia essa compreensão ao mostrar que o sujeito está permanentemente dividido entre o que é simbolizado pela linguagem social e o vivido na dimensão real de seu corpo (LACAN, 1975-1976). Nesse contexto, a mulher diagnosticada com HPV pode vivenciar autocensura do



desejo, insegurança em relação ao corpo e receio de julgamentos, revelando a força do simbólico na constituição subjetiva. A psicanálise permite perceber como a subjetividade feminina é moldada por discursos institucionais e midiáticos que definem padrões de comportamento sexual aceitáveis, configurando um espaço de conflito entre norma social e experiência pessoal.

3.6.4 Implicações para políticas públicas e comunicação em saúde

Integrando as perspectivas de Freud e Lacan, evidencia-se que os efeitos psíquicos do HPV não podem ser compreendidos isoladamente do contexto social e comunicacional. A psicanálise revela que discursos de saúde pública, embora informativos, podem inadvertidamente reforçar estigmas, culpa e sentimentos de inadequação, influenciando a constituição da subjetividade feminina. A compreensão desses efeitos sugere a necessidade de estratégias de comunicação mais humanizadas, que considerem a dimensão simbólica, o recalque e os mecanismos de defesa, promovendo uma abordagem ética e acolhedora. Além disso, os resultados apontam para a importância de políticas públicas que integrem cuidado clínico, educação em saúde e sensibilização social, visando reduzir a estigmatização, fortalecer a autonomia feminina e favorecer experiências subjetivas menos culpabilizantes e mais integradas à realidade psíquica da mulher.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu compreender, à luz da psicanálise freudiana e lacaniana, que os discursos sociais e midiáticos sobre o Papilomavírus Humano (HPV) transcendem a mera transmissão de informações biomédicas, configurando-se como elementos estruturantes da subjetividade feminina. A partir da perspectiva freudiana, observou-se que tais discursos mobilizam mecanismos de recalque e repressão, promovendo sentimentos de culpa, vergonha e ansiedade, frutos da internalização de normas morais e sociais relacionadas à sexualidade feminina (FREUD, 1905/2010). O supereu, enquanto instância psíquica responsável por regular pulsões e garantir conformidade aos padrões socialmente estabelecidos, emerge como mediador central na experiência subjetiva do diagnóstico, revelando a complexidade intrapsíquica que acompanha o adoecimento.

Complementarmente, a abordagem lacaniana evidenciou a dimensão simbólica e discursiva que atravessa a constituição do sujeito. O conceito de gozo permitiu interpretar a experiência paradoxal de satisfação e sofrimento simultâneos, nos quais a conformidade às normas sociais convive com a estigmatização e a autocensura do desejo (LACAN, 1975-1976). O sujeito feminino diagnosticado com HPV encontra-se permanentemente atravessado pelo discurso do Outro, internalizando padrões de comportamento sexual “aceitáveis” e vivenciando conflitos entre o que é simbolizado pela linguagem social e a experiência real do corpo. Assim, sentimentos de inadequação, vulnerabilidade e medo do julgamento não são meras reações emocionais, mas efeitos estruturais da interação entre psique, linguagem e normas sociais. Além disso, a integração das perspectivas freudiana e lacaniana permitiu perceber como a sexualidade feminina, atravessada por discursos morais e institucionais, constitui um campo de tensões psíquicas que afetam identidade, autocuidado e relações interpessoais. O diagnóstico de HPV, ao se inserir nesse contexto discursivo, revela não apenas uma vulnerabilidade biológica, mas também um espaço de conflitos subjetivos e simbólicos, em que normas sociais, estigmas e expectativas culturais interagem com experiências de desejo, medo e autocensura (FREUD, 1905/2010; LACAN, 1975-1976).



Dessa forma, as implicações práticas do estudo reforçam a necessidade de políticas de saúde e estratégias comunicacionais que considerem o efeito psíquico e simbólico dos discursos sobre sexualidade e adoecimento. Campanhas educativas e informativas devem ser articuladas de maneira ética e acolhedora, evitando a moralização da sexualidade, promovendo a autonomia feminina e minimizando estigmas e sentimentos de culpa. Ademais, a pesquisa contribui para o fortalecimento do diálogo interdisciplinar entre psicanálise, comunicação e saúde coletiva, destacando a importância de considerar dimensões simbólicas, afetivas e culturais na construção de práticas de cuidado e na promoção de uma experiência **subjativa menos penalizada pelo estigma social**.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. HPV – Papilomavírus Humano. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/h/hpv>. Acesso em: 18 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual técnico do HPV. Brasília: Ministério da Saúde, [s.d.].

DE ALCÂNTARA, Juliana Alves. Controlo invisível do corpo: A cobertura mediática da vacinação contra o HPV no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/89707/1/JulianaAlcantara_versaofinal.pdf?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 18 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Human papillomavirus (HPV) and cervical cancer. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/human-papilloma-virus-and-cancer>. Acesso em: 18 set. 2025.

RODRIGUES JR, O. M. et al. Estudos em sexualidade. [S.l.]: [s.n.], 2019.

SANTANA, Rosana Santos Costa et al. Práticas sexuais de jovens universitários e a vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. Revista Estudos Feministas, Cadernos Pagu, 2017.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.